

# DO HOMO SAPIENS AO HOMO FABER: UM POSSÍVEL DIÁLOGO ENTRE AXEL HONNETH E HANS JONAS

José Aldo Camurça de Araújo Neto<sup>1</sup>

## Resumo:

Este trabalho examina a evolução da condição humana à luz das teorias de reconhecimento social de Axel Honneth e da ética da responsabilidade de Hans Jonas. Honneth explora como a identidade e a autonomia do indivíduo são moldadas pelo reconhecimento social e pelas relações interativas na sociedade moderna. Jonas, por sua vez, destaca a necessidade de uma ética da responsabilidade diante dos avanços tecnológicos, que devem levar em consideração as consequências futuras das ações humanas. A transição do *Homo Sapiens* para o *Homo Faber* simboliza a transformação do ser humano de um ser predominantemente racional e social para um agente produtivo e tecnológico. O diálogo entre Honneth e Jonas revela como a capacidade de transformar o mundo exige não apenas um reconhecimento social contínuo, mas também uma consideração ética profunda sobre o impacto dessas transformações no futuro. O texto argumenta que a intersecção das teorias de ambos oferece uma visão abrangente da nova condição humana, ressaltando a necessidade de integrar a responsabilidade ética e o reconhecimento social na era da tecnologia e da produção.

**Palavras-chave:** Reconhecimento social. Axel Honneth. Ética da responsabilidade. Hans Jonas. Homo Faber.

## FROM HOMO SAPIENS TO HOMO FABER: A POSSIBLE CONNECTION BETWEEN AXEL HONNETH AND HANS JONAS

## Abstract:

This paper examines the evolution of the human condition in the light of Axel Honneth's theories of social recognition and Hans Jonas' ethics of responsibility. Honneth explores how the individual's identity and autonomy are shaped by social recognition and interactive relationships in modern society. Jonas, for his part, highlights the need for an ethic of responsibility in the face of technological advances, which must take into account the future consequences of human actions. The transition from *Homo Sapiens* to *Homo Faber* symbolizes the transformation of the human being from a predominantly rational and social being to a productive and technological agent. The dialogue between Honneth and Jonas reveals how the ability to transform the world (*Homo Faber*) requires not only ongoing social recognition, but also deep ethical consideration of the impact of these transformations on the future. The text argues that the intersection of their theories offers a comprehensive view of the new human condition, highlighting the need to integrate ethical responsibility and social recognition in the age of technology and production.

**Keywords:** Social recognition. Axel Honneth. Ethics of responsibility. Hans Jonas. Homo Faber.

162

---

<sup>1</sup> Professor do ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal do Sertão Pernambucano, campus de Serra Talhada. Docente colaborador pelo PPG do Mestrado Profissional em Educação Tecnológica PROF-EPT, campus Salgueiro IF Sertão PE. Professor permanente em dois programas de Pós-Graduação: 1) Mestrado profissional em filosofia (PROF-FILO), Ifsertão PE, campus Petrolina zona rural e 2) Mestrado acadêmico em Filosofia da UECE. Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduado nas modalidades de licenciatura e bacharelado na referida instituição. É pesquisador em Ética, Filosofia do Direito, Filosofia Política e História da Filosofia. Email: [jose.aldo@ifsertao-pe.edu.br](mailto:jose.aldo@ifsertao-pe.edu.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5824-015X>.

## Introdução

Na contemporaneidade, o ser humano é, ao mesmo tempo, *Homo Sapiens* e *Homo Faber*. Enquanto no primeiro tipo o indivíduo é aquele que pensa e reflete, o segundo consiste na sua capacidade de envelhecer transformando o mundo através de sua técnica. Essa dicotomia de perspectivas reforça a complexidade do papel humano na relação entre sociedade e natureza. Para Hans Jonas (2006, p. 40), “o advento do poder técnico coloca a humanidade em uma posição única, exigindo uma ética que transcenda o momento presente e considere as consequências futuras de nossas ações”. Nesse sentido, a evolução da técnica, embora potencialmente promissora, apresenta desafios éticos e ambientais que não podem ser ignorados.

Por outro lado, Axel Honneth (2003) sublinha a importância das relações de reconhecimento como base para a realização humana, argumentando que o progresso técnico deve ser compatível com a manutenção da dignidade e da justiça social. Segundo o autor da teoria crítica, “o reconhecimento não é apenas uma necessidade individual, mas um princípio de organização social que permeia todas as esferas da vida” (Honneth, 2003, p. 17). Assim, o diálogo entre esses pensadores permite uma reflexão crítica sobre os limites e as possibilidades de progresso técnico e seu impacto sobre o ser humano enquanto agente ético e relacional.

No campo das relações sociais, Honneth oferece outra perspectiva essencial ao abordar o reconhecimento como base de sustentáculo para a realização humana. Para ele, o trabalho e a técnica, além de serem instrumentos de transformação do mundo, desempenham um papel central na formação da identidade humana, uma vez que são por meio dessas atividades que o indivíduo busca reconhecimento em diferentes esferas da vida social. No entanto, o avanço técnico e econômico, ao desvincular as relações de reconhecimento, pode levar à desumanização das interações sociais e ao enfraquecimento dos laços de solidariedade.

Este artigo pretende explorar as possíveis interseções e as divergências entre os pensamentos de Jonas e Honneth sobre o papel da técnica no desenvolvimento humano. Para tanto será analisada a transformação do *Homo Sapiens* em *Homo Faber* e suas implicações éticas para a efetivação do reconhecimento intersubjetivo, ou seja, entre sujeitos na esfera social.

Durante a construção argumentativa do texto, serão abordadas questões como os limites do progresso técnico, a necessidade de uma ética da responsabilidade para guiar as ações humanas e a centralidade do reconhecimento como fundamento das relações sociais. Ao final, busca-se construir um diálogo crítico que una as preocupações éticas e sociais de ambos

os autores, apontando caminhos para superar os desafios contemporâneos do progresso técnico, sem comprometer a dignidade humana e a sustentabilidade planetária.

## **I. Do *Homo sapiens* ao *Homo faber***

A transição do *Homo sapiens* para o *Homo faber* representa uma etapa fundamental na evolução da humanidade, marcada pelo domínio das técnicas e pela capacidade de moldar o ambiente ao redor. No entanto, essa transformação também inaugura dilemas éticos e sociais, especialmente no que se refere à responsabilidade pelo impacto da técnica e ao reconhecimento das condições humanas num mundo cada vez mais instrumentalizado. Axel Honneth observa que o trabalho, como expressão do *Homo faber*, é uma das principais arenas de reconhecimento, onde o indivíduo busca validação social por meio de suas contribuições materiais e simbólicas. Para Honneth (2003, p. 92), “o trabalho é um espaço no qual os sujeitos encontram tanto sua realização quanto o potencial para a alienação, dependendo de como as relações sociais são estruturadas”.

Hans Jonas, por sua vez, alerta que a capacidade técnica do *Homo faber* não é neutra e exige uma ética externa para o cuidado com a vida e com o futuro. Para Jonas (2006, p. 32), “a técnica amplifica o poder humano a tal ponto que sua aplicação descontrolada ameaça a própria existência da humanidade”. Ele aponta que o *Homo faber* carrega consigo uma responsabilidade que transcende o presente, abrangendo gerações futuras, e que deve ser guiada por um princípio ético preventivo. Nesse sentido, o trabalho e a técnica, embora instrumentos de progresso, devem ser submetidos a critérios éticos que garantem não apenas a sobrevivência, mas também a dignidade humana.

Diante dessa abordagem, Brito (2008) destaca que a transição do *Homo sapiens* para o *Homo faber* é também um deslocamento de uma ética centrada na sabedoria para uma ética distinta para a ação transformadora. Para Brito, “Jonas redefine a responsabilidade moral ao integrá-la com os desafios técnicos do mundo contemporâneo, propondo uma reflexão que combina prudência e inovação” (BRITO, 2008, p. 45). Assim, o diálogo entre Honneth e Jonas permite articular a luta por reconhecimento com uma ética de responsabilidade, revelando os desafios e as possibilidades de um mundo moldado pela técnica.

## **II. Implicações do *Homo Faber* para as relações de reconhecimento e para a responsabilidade**

O conceito de *Homo faber*, como aquele que transforma o mundo por meio do trabalho e da técnica, traz implicações profundas para as relações de reconhecimento e para a ética da responsabilidade. Axel Honneth considera que a atividade produtiva é um dos âmbitos fundamentais de reconhecimento, na medida em que o trabalho oferece aos indivíduos a possibilidade de obter valorização social e autoestima. No entanto, ele também aponta que as dinâmicas contemporâneas do trabalho, regidas por lógicas de instrumentalização e exploração, podem gerar alienação e negar aos sujeitos o devido reconhecimento. Segundo Honneth (2003, p. 118), “a estrutura do trabalho deve ser transformada para que seja possível uma realização mais plena do reconhecimento, integrando aspectos materiais e simbólicos das contribuições humanas”.

Por outro lado, Hans Jonas alerta para as consequências éticas do avanço técnico, destacando que a responsabilidade não pode se limitar ao âmbito intersubjetivo, mas deve se expandir para englobar as futuras gerações e o ambiente. Jonas (2006, p. 23) argumenta que “o poder ampliado pela técnica impõe um novo imperativo ético: atuar de forma que as condições para a vida humana permaneçam intactas no futuro”. Assim, as práticas do *Homo faber* serão avaliadas não apenas pelos resultados imediatos, mas pelos impactos duradouros que geraram na natureza e na sociedade.

Pesquisadores como Brito (2008), ressaltam que há uma tensão intrínseca entre a busca do reconhecimento no trabalho e a responsabilidade ética frente às consequências globais das ações humanas. Para Brito, “a reflexão de Jonas complementa a de Honneth ao exigir que a luta por reconhecimento seja articulada com a preservação das condições de existência, evitando que o progresso técnico e econômico se sobreponha às exigências éticas” (BRITO, 2008, p. 62).). Nesse sentido, superar as crises contemporâneas requer integrar as dimensões do reconhecimento e da responsabilidade em um modelo ético que considere tanto os indivíduos quanto o coletivo e o futuro. Até porque as ações humanas implicam em decisões que podem atingir não apenas o presente. Ao contrário, atingem ainda as gerações futuras tornando a responsabilidade humana um ato de coragem.

### **III.O equilíbrio entre progresso técnico e dignidade humana**

O progresso técnico, ao longo da história, proporcionou avanços significativos para a humanidade, mas também trouxe desafios éticos e sociais que exigem uma reflexão profunda. Axel Honneth e Hans Jonas abordam essa temática de perspectivas complementares, apontando

a necessidade de equilibrar o progresso técnico com a preservação da dignidade humana. Para Honneth, o progresso técnico deve ser analisado em termos das condições sociais que ele cria, especialmente no âmbito do trabalho e das relações de reconhecimento. Segundo Honneth (2003, p. 173), “o desenvolvimento técnico não pode ser desvinculado das estruturas de justiça social, pois impacta diretamente a maneira como os indivíduos se percebem e são reconhecidos na sociedade”.

Jonas, por outro lado, enfatiza que o progresso técnico impõe uma responsabilidade ampliada que transcende os limites do presente. Ele propõe o que chama de "princípio responsabilidade", que exige que as ações humanas sejam avaliadas não apenas por seus resultados imediatos, mas também por suas implicações a longo prazo para a sobrevivência da vida no planeta. Jonas (2006, p. 46) argumenta: “O progresso técnico sem uma ética que o guie torna-se uma força cega que ameaça tanto a natureza quanto a humanidade”.

Brito (2008) e Leopoldo e Silva (2014) tratam da convergência entre Honneth e Jonas no reconhecimento de que o progresso técnico precisa ser subordinado a valores éticos. Brito (2008, p. 62) observa que “Honneth e Jonas compartilham a preocupação com as consequências descontroladas do progresso técnico, ainda que a partir de perspectivas diferentes: Honneth foca nas estruturas sociais e Jonas, nas condições ecológicas e existenciais”. Silva (2014, p. 139) complementa, afirmando que “o equilíbrio entre progresso técnico e dignidade humana depende da capacidade de integrar a luta por reconhecimento e a responsabilidade com o futuro”.

#### **IV. OS perigos do progresso técnico descontrolado**

Tanto Axel Honneth quanto Hans Jonas reconhecem que o progresso técnico, embora seja uma marca distintiva do *Homo faber*, pode gerar riscos profundos se não for acompanhado por uma reflexão ética. Honneth adverte que a técnica, quando aplicada sem considerar as relações sociais, pode intensificar desigualdades e comprometer o reconhecimento mútuo. Ele afirma que “a modernização técnica deve ser acompanhada por mecanismos que garantam justiça social, evitando que ela se torne um instrumento de exclusão e desumanização” (HONNETH, 2003, p. 188).

Hans Jonas, por sua vez, amplia o escopo do problema ao considerar os impactos ecológicos e existenciais do progresso técnico descontrolado. Ele argumenta que a técnica ampliou tanto o poder humano que, agora, a própria sobrevivência da humanidade está em

jogo. Jonas (2006, p. 58) destaca: “A ética tradicional, centrada no aqui e agora, é insuficiente para lidar com os desafios impostos pelo poder técnico. Precisamos de uma ética voltada para o futuro e para o cuidado com a totalidade da vida”.

Nesse contexto, Brito (2008) e Anders (2016) oferecem contribuições valiosas para compreender os perigos do progresso técnico descontrolado. Anders (2016, p. 101) argumenta que “a desproporção entre o poder técnico e a capacidade ética humana cria um abismo que pode levar à catástrofe”. Brito (2008, p. 75) ressalta que “a integração entre o pensamento de Jonas e Honneth é essencial para enfrentar os desafios do progresso técnico, pois combina a dimensão social com a ecológica e existencial”.

A convergência dos alertas de Honneth e Jonas reforça a necessidade de uma abordagem ética que considere tanto o reconhecimento no plano social quanto a responsabilidade no plano ecológico e existencial. Esse diálogo é crucial para promover um progresso técnico que seja simultaneamente justo e sustentável.

## **V.O reconhecimento e a ética da responsabilidade**

O conceito de reconhecimento é central na teoria de Axel Honneth, oferecido como base para compreender as relações sociais e a realização humana. Segundo Honneth (2003, p. 25), “as experiências de reconhecimento são indispensáveis para que os indivíduos desenvolvam uma relação positiva consigo mesmos e com o mundo”. Em sua teoria, o autor identifica três esferas fundamentais para o reconhecimento: amor, que confere segurança emocional; direito, que garante a igualdade jurídica; e solidariedade, que valida as contribuições individuais no âmbito social. Percebe-se, ainda assim, que tais esferas positivas do reconhecimento possuem interações entre si, ou seja, há uma interdependência nas três possibilidades de se buscar o reconhecimento<sup>2</sup>. Ainda assim, tal interação não é algo pacífico. Ao contrário, pauta-se pela noção de conflito. Conflito este baseado pelas experiências de desrespeito.

Não por acaso que Honneth aponta a importância de se discutir o tema da identidade e sua interação com a intersubjetividade. Até porque se o sujeito não reconhecer a

<sup>2</sup> Não somente as experiências de reconhecimento em seu aspecto positivo estão presentes na teoria de Honneth. Os momentos de desrespeito estão inseridos também no autor contemporâneo. Dito de outro modo, os momentos negativos do reconhecimento são: 1) Aqueles que afetam a integridade corporal dos sujeitos e, assim, sua autoconfiança básica; 2) A denegação de direitos, que destrói a possibilidade do autorrespeito, da igualdade e 3) A referência negativa ao valor de certos indivíduos e grupos, que afeta a autoestima dos sujeitos.

sua intersubjetividade, este não poderá reivindicar uma ética da responsabilidade ou algo similar. A respeito do assunto, Werle aponta o seguinte comentário:

A partir da ideia de reconhecimento pode se desdobrar um conceito de intersubjetividade aonde formas diferentes de sociabilidade vão surgindo no decorrer dos próprios conflitos em torno do reconhecimento, nas quais as pessoas ao mesmo tempo afirmam sua subjetividade autônoma e reconhecem-se na sua pertença comunitária. Ou seja, a relação constitutiva entre identidade pessoal e a *práxis* cultural e as instituições é entendida não como relação instrumental ou relação de dependência orgânica, substantiva, do indivíduo com a comunidade, mas como relação reflexiva de reconhecimento recíproco. O reconhecimento permite uma reconciliação, sempre passível de revisão, quando for o caso, entre diferença e identidade (WERLE, 2004, p.52).

Ao entender a interação como estruturada com base no conflito, o reconhecimento aparece, para o pensador da teoria crítica, como elemento fundamental na gramática moral dos conflitos, já que esta gramática é desvendada pela luta por reconhecimento. Ao fundamentar seu argumento a partir dos escritos juvenis de Hegel, Honneth apresenta ao público a sua contribuição para o conceito de teoria crítica.

Ele nos apresenta uma teoria social com teor normativo e uma teoria crítica que busca ser teórico-explicativa e crítico-normativa. Teórico explicativa a partir da leitura de alguns autores clássicos: Hegel, Mead entre outros. Crítico normativo no que tange na tentativa de fornecer um padrão para identificar patologias sociais e avaliar os movimentos sociais, seja nos aspectos emancipatório e/ou reacionário. Ora, construir esse modelo de teoria crítica objetiva, em última instância, em “dar conta da gramática dos conflitos e da lógica das mudanças sociais, tendo em vista o objetivo mais amplo de explicar a evolução moral da sociedade” (WERLE, 2007, p.14).

Nesse ponto do argumento honneteano é interessante notar o seguinte aspecto: a ênfase das experiências morais que possibilitam a uma denegação, opressão da intersubjetividade humana reduzindo-a a experiências de desrespeito. A proposta de reconhecimento em Honneth aponta, segundo ele, ao direcionamento do desvelamento desta luta pelo reconhecimento adquirindo *status* de moralidade reatualizada (HONNETH 2003, p.253-268). Desse modo, a pretensão do autor contemporâneo favorece à ideia de uma lógica moral dos conflitos sociais.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Em um artigo intitulado “sobre as objeções de A. Wellmer à ética do discurso habermasiana”, Holmes (2008) observa que, no campo da Moral, uma teoria do reconhecimento é vista por Wellmer como uma proposta profícua, inovadora às formulações de Habermas. Ora tal defesa ocorre porque “os conflitos morais se dariam tipicamente como um problema de mediação entre o universal e o particular, algo que, em circunstâncias pós-metafísicas de falibilismo metodológico e perda do dogmatismo tradicionalista de Eticidade concretas, só poderia ser levado a cabo no meio representado por argumentações práticas. Porém, longe de se tratar, como para Habermas, da realização de condições ideais de fundamentação da validade, essas „argumentações morais

Dito de outro modo, sentimentos morais, sendo articulados numa linguagem comum ou possuidoras de potencial para generalização, podem transformar-se em mobilização política. Mobilização esta simbolizada por movimentos coletivos e lutas sociais.<sup>4</sup> Nesse sentido, a dinâmica social do reconhecimento, portanto a “gramática dos conflitos sociais”, responde à formulação: desrespeito luta por reconhecimento e mudança social

Essas esferas, por sua vez, encontram-se no trabalho e na técnica campos de expressão e conflito, onde a busca por reconhecimento pode ser tensionada pela exigência de produtividade e eficiência típicas da modernidade técnica.

O filósofo canadense Charles Taylor (1994) complementa essa discussão ao afirmar que o reconhecimento é uma “necessidade humana vital”, uma vez que a identidade do indivíduo é constituída a partir de sua interação com os outros. Contudo, na sociedade contemporânea, marcada pelo avanço técnico e pela instrumentalização das relações, o reconhecimento corre o risco de ser fragmentado. Nesse contexto, Honneth destaca que a técnica e o trabalho, embora as ferramentas de mediação social, também podem alienar o indivíduo e enfraquecer os laços de solidariedade, especialmente em uma sociedade orientada pelo lucro. Assim, a luta por reconhecimento, como argumenta Honneth, deve ser recompensada em diálogo com as dinâmicas impostas pela técnica.

Hans Jonas, por sua vez, concentra sua ética na relação entre o ser humano, a técnica e o futuro. Para Jonas (2006, p. 11), “o poder adquirido pela técnica é tão imenso que a responsabilidade humana precisa acompanhar esse crescimento para evitar catástrofes irreversíveis”. Essa responsabilidade deve transcender o presente e abranger as gerações futuras, rompendo com a ética tradicional, que, segundo o autor, é limitada ao aqui e agora. A técnica, enquanto produto da ação humana, não é neutra, pois transforma as condições de existência, muitas vezes de maneira imprevisível.

Brito (2008) menciona que Jonas introduz um paradigma ético inovador, ao deslocar a responsabilidade moral da esfera individual para uma perspectiva global e intergeracional. “A ética jonasiana convida à reflexão sobre os impactos da técnica em escala

---

se ocupam quase que exclusivamente da interpretação de tramas situacionais de ações e necessidades, assim como da compreensão que agentes e pacientes têm de si mesmos” (Holmes, Pablo. “As objeções de Albrecht Wellmer à Ética do Discurso e a filosofia moral fundamentada em uma teoria do reconhecimento social”. In: **Trans/Form/Ação**: Revista de Filosofia da Universidade Estadual Paulista. São Paulo: Fundação Editora UNESP, Vol. 31 (1), 2008, p. 191).

<sup>4</sup> Movimentos como o LGBTQIA+, Movimento Negro, MST (Movimento Sem Terra) são alguns exemplos de grupos ou organizações sociais que reivindicam seu espaço no debate público a partir das experiências de desrespeito sofrida pelos seus integrantes.

## **DO HOMO SAPIENS AO HOMO FABER: UM POSSÍVEL DIÁLOGO...**

José Aldo Camurça de Araújo Neto

planetária, exigindo um cuidado preventivo diante das incertezas” (Brito, 2008, p. 32). Essa abordagem é especialmente relevante em tempos de crise ecológica, em que uma técnica, embora necessária, pode gerar destruição em larga escala. Nesse sentido, a ética da responsabilidade complementa o reconhecimento ao propor que as ações humanas consideram não apenas os contemporâneos, mas também aqueles que ainda estão por vir.

O diálogo entre Jonas e Honneth sobre a técnica revela tanto convergências quanto divergências. Ambos reconhecem o papel central da técnica no mundo moderno, mas abordam suas implicações a partir de perspectivas distintas. Honneth, concentra esforços na dimensão social, enfatizando o trabalho técnico como espaço de reconhecimento, no qual os indivíduos possam ver suas contribuições valorizadas. Por outro lado, Jonas aponta os riscos existenciais que o uso descontrolado da técnica pode acarretar, exigindo uma postura de responsabilidade ética. Para Jonas (2006, p. 25), “a técnica é uma força que exige freios éticos, sob pena de comprometer a própria existência humana”.

Ricoeur (2004) contribui para essa discussão ao destacar que a técnica não deve ser vista apenas como ameaça, mas como uma possibilidade de mediação ética. Segundo ele, “é pela técnica que a humanidade pode tanto realizar quanto destruir suas possibilidades éticas” (Ricoeur, 2004, p. 47). Assim, o ponto de convergência entre Jonas e Honneth reside na ideia de que uma técnica deve ser subordinada a valores éticos e sociais, que preservem tanto a dignidade humana quanto a sustentabilidade.

Embora as perspectivas de Honneth e Jonas sejam complementares, também revelam ainda mais. Honneth privilegia a esfera intersubjetiva e as condições sociais do reconhecimento, enquanto Jonas enfatiza uma ética voltada para as gerações futuras e para o cuidado com o planeta. Segundo Honneth (2003, p. 55), “o reconhecimento depende da interação mútua entre os sujeitos”, o que sugere um foco no presente. Jonas, por outro lado, alerta que o uso da técnica sem uma ética de longo prazo pode comprometer até mesmo as bases para o reconhecimento. Nesse sentido, Brito (2008, p. 41) faz uma observação que, “a responsabilidade ética proposta por Jonas pode complementar a luta por reconhecimento de Honneth, ao lembrar que as condições materiais e ecológicas são fundamentais para a justiça social”.

A técnica, enquanto a mediadora custa, é um campo de disputa. Por um lado, é um instrumento de trabalho e criatividade que fortalece o reconhecimento. Por outro lado, pode ser uma ameaça à sobrevivência e à dignidade humana quando utilizada sem responsabilidade. O desafio contemporâneo, portanto, é integrar essas perspectivas, acompanhando que o técnico

170

precisa monitorar-se aos princípios de progresso de reconhecimento e responsabilidade, garantindo um futuro que seja eticamente sustentável e socialmente justo.

O trabalho e a técnica ocupam lugares centrais na história humana, marcando o papel transformador do *Homo faber*. No pensamento de Axel Honneth, o trabalho não é apenas um meio de sobrevivência, mas também uma arena de reconhecimento social. Através do trabalho, os indivíduos buscam valorizar suas capacidades e integrar-se na sociedade. No entanto, o trabalho moderno, muitas vezes estruturado por dinâmicas de alienação e desigualdade, pode dificultar essa busca. Para Honneth (2003, p. 149), “o reconhecimento no trabalho exige que as estruturas econômicas permitam o desenvolvimento das potencialidades humanas, superando formas de exploração que reduzem os indivíduos a instrumentos de produção”.

Hans Jonas, por sua vez, alerta para os riscos éticos associados à técnica, que amplifica o alcance do trabalho humano, mas também impõe novos desafios à sobrevivência. A técnica não é moralmente neutra, pois suas aplicações têm consequências que ultrapassam o presente, afetando gerações futuras. Jonas (2006, p. 37) argumenta que “o progresso técnico aumenta exponencialmente o poder humano, mas também exige uma responsabilidade ampliada, capaz de conter os impactos destrutivos de sua aplicação indiscriminada”. Assim, a técnica deve ser subordinada a um princípio ético que preserve tanto a dignidade humana quanto a integridade do meio ambiente.

Autores como Brito (2008) e Leopoldo e Silva (2014) destacam que a relação entre trabalho e técnica é também um campo de tensão entre emancipação e risco. Enquanto o trabalho técnico pode libertar o ser humano de determinadas limitações materiais, ele também pode criar formas de dependência e exploração. Brito (2008, p. 55) observa o seguinte aspecto a respeito do tema: “a reflexão de Jonas complementa a de Honneth ao mostrar que a luta por reconhecimento no trabalho deve ser acompanhada por uma ética de responsabilidade frente às consequências das práticas técnicas”. Silva (2014, p. 112), por sua vez, ressalta que “o desafio contemporâneo é alinhar o desenvolvimento técnico às exigências éticas de justiça social e sustentabilidade ambiental”.

A integração entre o pensamento de Honneth e Jonas, portanto, revela que o trabalho e a técnica não podem ser separados de uma reflexão ética mais ampla, que considera tanto as necessidades imediatas de reconhecimento quanto as implicações futuras da ação humana. Esse diálogo é fundamental para a construção de uma sociedade que valorize o

trabalho humano sem ignorar os limites impostos pela responsabilidade ecológica e intergeracional.

## Conclusão

O diálogo entre Axel Honneth e Hans Jonas, explorado neste artigo, revela-se como uma contribuição essencial para compreender os desafios éticos e sociais da contemporaneidade. Enquanto Honneth destaca o papel das relações de reconhecimento na construção da identidade e da justiça social, Jonas alerta para a necessidade de uma ética da responsabilidade capaz de orientar as ações humanas frente ao poder ampliado pela técnica. Ambos os pensadores, em suas perspectivas diversificadas mas complementares, oferecem ferramentas teóricas para refletir sobre os dilemas do *Homo faber* e do *Homo sapiens*, cuja atuação no mundo exige um equilíbrio entre progresso técnico, dignidade humana e sustentabilidade.

A relevância contemporânea dos conceitos abordados no diálogo entre Honneth e Jonas é evidente. As questões do reconhecimento, no plano social, e da responsabilidade, no plano ecológico e intergeracional, são indispensáveis para enfrentar problemas como desigualdades sociais, mudanças climáticas e os impactos das tecnologias emergentes. No contexto atual, marcado por crises globais e pela intensificação das interdependências entre sociedades e ecossistemas, a integração desses pensamentos oferece uma base teórica para propor soluções éticas que contemplem tanto as necessidades presentes quanto as futuras.

Por fim, este artigo sugere que novas pesquisas podem ampliar e aprofundar o diálogo entre Honneth e Jonas. Um possível caminho seria investigar a relação entre técnica e reconhecimento em ambientes tecnológicos contemporâneos, como o trabalho digital e a inteligência artificial. Outro ponto promissor seria explorar as implicações práticas da ética da responsabilidade para políticas públicas, especialmente no que tange à justiça social e à preservação ambiental. Assim, o diálogo entre esses dois autores pode continuar a inspirar reflexões teóricas e intervenções práticas que respondam aos desafios do século XXI.

## Referências

ANDERS, Günther. **A obsolescência do homem**: sobre a alma na era da segunda revolução industrial. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

## DO HOMO SAPIENS AO HOMO FABER: UM POSSÍVEL DIÁLOGO...

José Aldo Camurça de Araújo Neto

BRITO, Adriano Naves de. **Hans Jonas e a ética da responsabilidade: fundamentos e desdobramentos.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo: racionalidade na ação e intersubjetividade no mundo social.** 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

HOLMES, Pablo. **As objeções de Albrecht Wellmer à Ética do Discurso e a filosofia moral fundamentada em uma teoria do reconhecimento social.** In: *Trans/Form/Ação: Revista de Filosofia da Universidade Estadual Paulista.* São Paulo: Fundação Editora UNESP, Vol. 31 (1), 2008, p 177-196.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais.** 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2003.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade: ensaio sobre uma ética para a civilização tecnológica.** 5. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

RICOEUR, Paul. **O justo.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2004.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **A técnica e o humano: desafios da ética no mundo contemporâneo.** 2. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

TAYLOR, Charles. **Multiculturalismo e a política do reconhecimento.** Lisboa: Gradiva, 1994.

WERLE, Denilson. Luís e MELO, Rúrion. Soares. **Reconhecimento e justiça na teoria crítica da sociedade em Axel Honneth.** In: NOBRE, M. (Org). **Curso livre de Teoria Crítica.** Campinas, SP: Papyrus, 2008, p.183-198.

173